



2018

**MESTRADO PROFISIONAL
PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

O LIVRO DIDÁTICO E SUA RELAÇÃO DIALÉTICA NO ENSINO APRENDIZAGEM

**VALDIR FRANCISCO DA SILVA FILHO
CENTRO DE ESTUDOS UNIFICADOS
BANDEIRANTE - SANTOS – SP**

PRODUTO FINAL

Para melhor compreensão deste nosso trabalho, será apresentado como produto final um guia que é o resultado de nossa dissertação de Mestrado Profissional: Práticas docentes no ensino fundamental. A pesquisa desenvolvida conduziu-nos à construção do material em um formato de guia do livro didático, como um recurso que irá auxiliar professores na construção de conceitos sobre a escolha do livro didático.

Estudos e identificação na melhoria e qualidade do livro didático, em consonância com o programa nacional de distribuição do livro didático, do mesmo modo que estudiosos acadêmicos têm se debruçado por alguns anos, porque não assim dizer por décadas, eles vêm investigando a deficiência e eficiência sobre o livro didático, tais fragilidade acerca do livro didático tem sido apontadas no sentido de se buscar melhorias e qualidade. Podemos citar aqui alguns trabalhos de autores que têm se dedicado a falar sobre o livro didático: Bittencourt (1993; 1996); Lajolo (1996; 1999), etc.

Em vista dos questionamentos apresentados neste trabalho, este guia tem como objetivo orientar o professor na escola com o uso do livro didático em sala de aula, fazendo com o que essa ferramenta possa ser aproveitada por professores de forma distinta como um guia orientador sobre o que o livro didático deve ter, ou o que o livro didático não deve ter, independentemente da sua área de atuação na docência. Com este guia, os professores poderão embasar sua prática docente, a partir do universo que o cerca, que é a sala de aula.

Nem a proposta de um livro e nem as ideias do professor são infalíveis, portanto a relatividade do conhecimento precisará estar presente na análise de qualquer produção didática a fim de que se trabalhe com o aluno o dinamismo na construção do saber. (PONTUSCHKA, 2009, p. 343.)

Salientamos que nosso guia se dedica à construção de mais um aparte em sala de aula, com objetivo de orientar a partir das informações nele contidas. Pretendemos que este guia constitua um manual relevante aos professores de modo geral, pois o acesso a este guia, que é propício à metodologia aplicada em educação, no caso o

livro didático, possibilitará novas discussões e abordagens referentes à qualidade e melhoria do livro didático.

A estrutura do nosso trabalho e o seu percurso metodológico será constituída a partir destas duas colunas, o que o livro didático deve ser? Após esta exposição, fica aqui pertinente a discussão que temos levantado ao longo do nosso trabalho, no que consiste o livro didático?

Este produto, construído a partir de nosso olhar e da nossa prática, aliado à reflexão a respeito do livro didático, visa demonstrar a partir do guia que é possível dar um norte para professores sobre como proceder acerca das escolhas do livro didático, amparado por uma metodologia investigativa.

Este produto final foi desenvolvido no sentido de dar voz ao conhecimento do professor em sala de aula, às questões vivenciadas acerca do livro didático, inquietudes, angústia e todos os sentimentos de impotência que rondam o trabalho do professor em relação ao livro didático, e isto, de alguma forma, impacta seu desempenho em sala de aula.

Faz-se necessário que haja um rompimento da parte do professorado com este olhar equivocado em relação ao livro didático ou para o livro didático. Desta forma, uma das principais metas, ou objetivo, deste trabalho seria ou será, de alguma forma, orientar o professor acerca de que modo ele poderá analisar o livro didático que chega a suas mãos.

Neste sentido, esta análise do livro didático precisa ser entendida como uma visão de maior abrangência, onde o livro didático não é, e não será, por si só, um mero aparato na utilização do trabalho docente.

INTRODUÇÃO

Trata-se de um estudo na linha de pesquisa de mestrado profissional práticas docentes no ensino fundamental, do programa de pós-graduação da Universidade Metropolitana de Santos.

O estudo traz consigo e se propõe mediante pesquisa bibliográfica fazer uma leitura desta temática que é o livro didático. Onde a mesma se fundamenta na construção e análise a cerca do livro didático (LD) que será defendida em 05 (cinco) capítulos deste trabalho.

Com o propósito de aprender sobre o livro didático (LD) o que se tem produzido em relação a esta temática, o corpo desta pesquisa investigativa retrata um sincrônico objeto acerca do livro didático (LD), tendo como potencial objetivo em desenvolver outras pesquisas e consolidação do conhecimento.

A estruturação de nossa reaplicação a tais inquirições indispensável levou-nos a organizar em 03 (três) capítulos, além da introdução. No primeiro capítulo, discutiremos a relevância do livro didático que contextualiza o tema do nosso trabalho e expõe a aderência desta dissertação ao programa do Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental.

Desta forma, propôs-se mediante pesquisa bibliográfica fazer uma leitura do livro didático com o objetivo de conhecer as contribuições do livro didático (LD) e como se dá esta relação dialética, onde o leitor irá encontrar vários aspectos por nós aqui abordado referente a mudanças e permanências acerca do uso do livro didático (LD) em sala de aula.

Já no segundo capítulo contempla-se como objetivo investigar o modo com que ocorre a implementação da política pública voltada para o livro didático (LD), onde tais políticas ganham corpo a partir do programa nacional do livro didático (PNLD). Neste capítulo compreende a dinâmica e interlocução do governo federal no sentido de se concretizar as políticas de distribuição do livro didático (LD). Desvendar os parâmetros do PNLD e explicar como a política nacional do livro didático embrenha-se no espaço

escolar.

No terceiro capítulo dedica-se abordar o livro didático: tradição ou inovação?” Como objeto de pesquisa. Enfatizaremos a sua importância onde o mesmo é o resultado desse entrelaçamento entre livro didático (LD) e sua vinculação nas ações do cotidiano das protagonistas do espaço escolar.

No quarto capítulo: O livro didático e aprendizagem significativa, como o livro didático (LD) tem um papel fundamental no processo de aprendizagem é importante trazer neste capítulo a contribuição da teoria de David Ausubel.

O quinto capítulo dedica-se ao livro didático e o currículo, da pesquisa que será apresentada como produto final, a elaboração de um formato de guia do livro didático, como um recurso que irá auxiliar professores, seguindo das considerações finais deste trabalho que constituem para a finalização do mesmo.

Por fim, iremos apresentar uma síntese das reflexões que elucidam a nossa dissertação. Iremos apontar a necessidade de se compreender que este trabalho não se exaure nesta pesquisa, mas ao contrário, apontamos que o mesmo recomenda outras reflexões que possam levar a novos saberes sobre o livro didático e seu uso em sala de aula, no sentido de apontar contribuições da pesquisa realizada para compreensão e entendimento das relações entre professores e o livro didático (LD).

Uma vez que são os livros didáticos que estabelecem grande parte das condições materiais para o ensino e aprendizagem nas salas de aula (...) será por aqui que devemos começar. (APPLE, 1995, p. 81-82).

Neste trabalho, por meio da leitura e análise de obras de vários autores, realizou-se uma análise crítica. Para se programar uma transformação social e cultural a partir do livro didático, é necessário examinar seus aspectos fundamentais e a forma como o livro didático vem sendo utilizado na escola, bem como as ideologias dominantes e conservadoras, menos democráticas e transformadoras, tentam de alguma forma ditar as regras e padrões para a sociedade por meio do livro didático.

Assim como em todos os lugares do mundo existem hoje, existiram no passado e provavelmente sempre existirão livros de boa qualidade e livros de qualidade duvidosa toda generalização no que diz respeito a má qualidade parece resultar de insipiência ou uma má fé. A forma mais frequente de utilização dos livros que consideramos inadequados superestima o papel dos mesmos em relação a outros instrumentos para o trabalho pedagógico, conduzindo à escolha, por parte dos professores daqueles que oferecem mais facilidades. É necessário preparar-se pois, o papel do livro didático, mantendo-se seu caráter necessário, mas redimensionando-se sua importância relativa. O professor não pode abdicar do privilégio de projetar os caminhos a serem trilhados juntamente com os alunos, conformando-se aos oferecidos pelo livro didático, ainda que de boa qualidade. Ao assumir a responsabilidade de determinar os rumos de suas aulas, articulando múltiplos materiais didáticos unirelativos ao livro, tornando aceitáveis como coadjuvantes, muitos textos que seriam reprovados como protagonistas dos trabalhos em classe (MACHADO, 1996, p. 27)

A opção por este tema decorreu de uma constatação de que o livro didático, em especial aos anos iniciais, nos últimos tempos, vem sendo alvo de uma ideologia dominante que vigora no mercado livreiro. Dessa forma, o livro didático em questão, na sua maioria, oferece, de forma fragmentada, partes do conhecimento para os alunos.

De acordo com o autor, a relevância de um manual escolar, no caso o livro didático, é um elemento cultural escolar, destaca em sua fala, ele diz que o livro didático ao percorrer todo o seu caminho ele chega aos professores. “Como resultado de um conjunto de processos e escolhas que nunca são neutras, na verdade são postas a partir de uma tradição seletiva, da seleção feita por alguém, da visão que algum grupo tem o que seja o conhecimento legítimo” (APPLE, 2001, p. 53)

A argumentação aqui é a seguinte: A sociedade está passando por profundas mudanças e transformações, criando novas demandas, sobretudo na educação. Por isso, é importante que o livro didático dos anos iniciais, de alguma forma atenda tais exigências do novo contexto educacional.

A partir dessa nossa argumentação, elencaram-se também fatores que estão implícitos no processo de mudança, como a descentralização do poder e a autonomia pedagógica administrativa da escola. No entanto, percebe-se que há certo controle, ou seja, uma exigência imediata e uma revisão do livro didático no sentido de atender o seu público-alvo, que são os alunos dos anos iniciais.

Espera-se, com este trabalho, explicitar como o livro didático nos anos iniciais, é uma ferramenta importante no dia a dia. Faz-se necessário que o livro didático nos anos iniciais seja uma ferramenta que possa ser um facilitador no processo de ensino-aprendizagem, que, sem dúvida, é um aspecto importante no contexto escolar.

Pode-se, assim, destacar que o livro didático precisa caminhar com a escola no sentido da democratização, rompendo com as ideologias dominantes, avançar junto na melhoria e qualidade do ensino e, conseqüentemente, precisa oferecer, para escola e alunos, um livro que atenda a realidade que trabalhe em seu conteúdo, objetivos e procedimentos metodológicos que facilitem novas concepções epistemológicas.

Assim, ao se analisar o uso do livro didático nos anos iniciais, ressalta-se a sua importância, pois pressupõe-se ser resultado de um processo de trabalho em que vários autores tentam, de alguma forma, transpor a realidade em sala de aula, a partir de suas interpretações e conhecimentos.

Este trabalho visa trazer para o centro das discussões sobre o assunto a problemática de qual é o papel do livro didático no contexto escolar, ou seja, qual função ele ocupa no processo ensino-aprendizagem.

Justifica-se a possibilidade de se promover a reflexão sobre qual seria de fato o papel do livro didático nos anos iniciais: teria ele a função de ser um mero reproduzidor das ideologias dominantes ou poderia ele ser um agente transformador da ação educativa, baseando-se contra tudo aquilo que não é democrático?

Ademais, é inevitável que se questione acerca do livro didático e sobre o seu papel diante dessa realidade (um livro didático sucateado ou obsoleto) que se apresenta, sem com isso deixar de lado sua finalidade precípua, que é a produção cultural do saber.

Destaca-se, que o professor tem uma função relevante, no que diz respeito ao uso do livro didático e que, por um novo viés, seu professor, é possível desenvolver uma nova leitura do livro didático, partindo de uma análise criteriosa, no sentido de se buscar resultados tangíveis possíveis de ser positivo no campo educacional.

Contudo, em relação à problematização do uso e o destino do livro didático, como já foi destacado, há um grande interesse econômico e político em sua distribuição. Vale à pena, porém, ressaltar que o livro didático apresenta problemas, como já se listou, mas também apontamos possibilidade de se trabalhar com o uso do livro didático.

CAPÍTULO 3: O LIVRO DIDÁTICO: TRADIÇÃO OU INOVAÇÃO

O livro didático como produto de uma sociedade livresca, por si só não poderá ascender no cerne da sociedade, entretanto caberá aos protagonistas do processo fazer com o livro ganhe vez e voz na sociedade. Contudo, em sua aparente complexidade, o livro didático tem em sua trama um complexo laboratório de fazeres que vai desde os seus conteúdos até os aspectos materiais que envolvem sua elaboração.

Nesse contato, o livro insere-se educação. Essa sua trajetória não existe só para que cumpra o seu papel, é importante que se formule uma nova síntese que não se alcança sem definições dos conceitos mais simples em relação à aplicabilidade do livro até sua produção industrial, que passa pela linguagem visual e imagética.

Assim, na perspectiva de que se aprende também se ensina com o livro didático. É importante que como aluno, enquanto leitor, ocorra uma interação como texto, a partir do espaço que é a sala de aula e o contexto na qual ele está inserido. O livro didático precisa propiciar ao aluno a oportunidade de construir conceitos a partir da análise que este último adquiriu vinda desse percurso que já antes mencionamos, no qual o livro didático, o professor e a escola caminham juntos.

Destacamos ainda que não estamos aqui trazendo à luz a discussão de um tema original. Ao contrário, mesmo que sob aparências talvez distintas, muitos estudiosos têm se debruçado de forma prodigiosa sobre essa temática o livro didático. As definições dessas conjecturas situam-se em um arcabouço de leitura de especialistas no plano teórico propriamente dito. É importante, ao fazermos tais assertivas a respeito do livro didático quanto ao seu emprego e uso, que essa avaliação não se funda por si só, mas perpassa por outros olhares.

Por isso, em si mesma, nenhuma obra didática é melhor do que outra, essa avaliação só pode ser estabelecida com base na definição por parte do professor, das equipes docentes e pedagógicas e a direção e comunidade escolar. (ANDRADE, M; MORAIS, B; FONSECA, M., 2014)

Muitos de nós, enquanto professores, lidamos com essas questões referentes à chamada autenticidade do livro didático, no sentido de que ele está posto entre nós e o aluno como uma peça decorativa, sem fim próprio. Lidamos com isso ao saber muitas vezes como uma política nacional contempla alguns livros.

Porém, enquanto objeto de estudo e de ensino estamos levantando tais suposições, não é essa faceta do livro que estamos buscando. O que estamos de fato fazendo emergir refere-se à qualidade do livro didático, no interior da escola, dentro de um contexto maior.

Em um sentido um tanto mais prático, ao falarmos do livro didático quando nos referimos à sua legalidade produção, estamos tratando de ideias e de ações. Isso significa dizer que, a depender do ponto de vista do qual se examina o livro didático, podemos assim afirmar, de acordo com Andrade, Morais e Fonseca (2014): “É consenso, atualmente, que os livros didáticos não são apenas veiculadores de informações, pois também difundem valores e representações”.

Segundo Lajolo (1996, p. 6), “Nenhum livro, por melhor que seja, pode ser utilizado sem adaptações, como todo e qualquer livro didático também propicia diferentes leituras para diferentes leitores”. Assim, o livro didático proporciona diferentes campos de sua atuação, que poderão vir a ganhar contornos que devem levar em contato dos elementos que faz em parte de sua realidade.

Os livros didáticos podem desempenhar diferentes papéis, independentemente da concepção, estrutura, organização e seleção de conteúdo e do tipo de abordagem proposta por uma obra; o que determina o encaminhamento, o cumprimento dos objetivos e os resultados do processo, sem dúvida, é o uso que se faz dela. (PAIVA, 2014)

Com relação ao livro didático tudo virá a depender, portanto, do lugar onde o professor está no processo e de onde ele observa os diferentes fenômenos que estão implícitos ou explícitos na obra didática. Seja a partir de uma aproximação do professor mais voltada para o livro didático em uma esfera macro ou micro do objeto a ser estudado,

no caso, o livro didático.

Outro aspecto a observar é que o livro didático representa o espaço de manifestações culturais, envolvendo a realidade social, econômica e cultural, e esse conjunto de elementos se insere no âmbito escolar. Enquanto processos sociais são construídos historicamente, a questão do livro didático, no contexto escolar, é algo complexo e contraditório, que precisa se aproximar daquilo que se espera do livro didático; ele precisa aproximar-se dos acontecimentos atuais, da realidade vivida.

De acordo com Teixeira e Braga (2014), “A relação que se estabelecerá entre os textos do livro didático e os leitores é intermediada pelo professor, cabe a ele tornar esse momento rico e estimulante”. De certa forma, a relação que se espera entre o livro didático e o professor precisará proceder a condições favoráveis para a recepção de conceitos, procedimentos e valores, e isso precisa não se dar somente em sala de aula, mas precisa perpassar os muros da escola.

Ressalta-se que o livro didático é um dos muitos instrumentos que podem colaborar no processo de ensino-aprendizagem, oferecendo elementos para uma nova formulação de novas práticas de ensinar. Sob esse ponto de vista, a análise que se refere ao livro didático requer uma compreensão que não se contente somente como livro sendo algo que passa somente informações.

Contudo, é propício aos atores do processo, num movimento de ida e volta, a possibilidade de aprender com o livro didático. Traduzindo, o livro didático precisa constituir-se em uma teia de saberes na qual o terreno em que ele está sedimentado se planifique em caminhos que se cruzem no sentido da inovação, configurando-se como um agente de transformação social.

Portanto, o livro didático poderá contribuir para a formação didático-pedagógico do professor também e ao mesmo tempo não ficará atrelada à polaridade ideológica entre os que elaboram e os que dominam a sua indústria. Tais considerações nos permitem compreender o porquê de o livro didático não poder ser visto como manual de consulta.

Conforme Minorelli; Chiba (2014), “o livro didático pode contribuir, por exemplo, para o planejamento das aulas, para a avaliação da aprendizagem dos alunos, como referência para alguns dos conteúdos, para a complementação da formação didática e pedagógica”, justamente por representar um valor defendido pela grande maioria daqueles que se utilizam dele como ferramenta para o seu trabalho, e que por isso tendem a polarizá-lo, manifestando interesse, de alguma forma, que o livro didático não passe por um processo de depuração na sua essência. Nenhum livro didático será bem-sucedido se passar ao largo dessas perspectivas.

Como síntese preliminar, é pertinente ressaltar algo referente ao tema em questão. De acordo com Minorelli; Chiba (2014), “É importante ressaltar que o livro didático não deve ser a única fonte de consulta e informação para professores e alunos”. Por sua vez, o livro didático constitui-se como uma ferramenta para complementação de saberes. Ele é um objeto relevante para o fazer pedagógico; no entanto, deverá tornar possível a elaboração de novas aprendizagens. Como instrumento de transmissão de informação, precisa despertar no seu leitor o gosto pela leitura e fazer com que ele se entretenha.

A esse respeito, tal constatação aproxima-se dos nossos questionamentos, na medida em que o livro didático, no contexto atual, precisa de alguma forma se reinventar, a fim de que ele, enquanto instrumento importante na construção do trabalho do professor, também tenha um viés na possibilidade de criação de novas situações de ensino-aprendizagem e ao mesmo tempo desperte o interesse do aluno.

A esse respeito, concordamos com Stefanello (2008): “o livro didático é, sem dúvidas, instrumento indispensável para o ensino, não como mero objetivo dele varia informação ao aluno, mas por ser uma ferramenta no processo de construção do conhecimento”.

A fim de compreender como o livro didático tem importância no trabalho do professor, ele está atrelado aos pressupostos metodológicos de cada área em particular, com maior ou menor abrangência. Nesse sentido, Darin; Medeiros (2014) consideram que:

Os livros didáticos por si só são produtos culturais bastante complexos. Resultam de um grande esforço intelectual, envolvendo sua elaboração um número considerável de profissionais. São próprios de cada sociedade ,tanto em seus aspectos materiais e visuais como em seus conteúdos, implicando uma enorme gama de saberes. Não bastasse isso, estão inseridos em um processo ainda intrincado o da educação. (DARIN; MEDEIROS,2014)

Entretanto, ao nos referimos a ele como “novo” não estamos querendo dizer com isso uma nova embalagem ou propagem.

Compreender no sentido de ampliar e potencializar o livro, objetivando que de tal forma o livro tenha em seu conjunto todo o repertório que envolve o processo de codificar e decodificar seus conteúdos.

Dar conta dessa proposta exige de cada um de nós que consideremos não apenas as capacidades perceptíveis dos alunos, mas também é preciso pensar as capacidades inter e multidisciplinares a fim de que os envolvidos nesse processo dialoguem e façam pontes.

O livro didático deve afirmar-se nos propósitos de dialogar com o nível cognitivo do aluno, o que implica trabalhar, formar, amarrar as teorias e os conceitos apresentados, buscar a compreensão dos processos que permeiam as transformações. Portanto, o livro didático deverá mais uma vez, reafirmando, oferecer bases para que o seu leitor identifique os fenômenos locais. (MENDONÇA,2011)

De acordo com Andrade, Morais e Fonseca (2014), “A escola, assim, tem um papel de maior relevância, seja do ponto de vista do indivíduo, seja da perspectiva de futuro da sociedade”. Nessa direção, podemos firmar que as decisões metodológicas a ser tomadas pelo professor no âmbito da escola, referente a suas atividades e tarefas, não deverá ser tomada a partir de uma perspectiva isolada, tendo como pano de fundo o livro didático.

Tais decisões estão imbricadas na função que o livro didático ocupa no espaço escolar e, por consequência, na sociedade. Portanto, trata-se de algo que é recorrente o

que tange ao livro didático, é importante ressaltar a ideia do ato de aprender, que não pode ser compreendido como uma tarefa mecânica e descontextualizada da realidade.

Contudo, pode-se afirmar que o livro didático precisará ter essa função no processo de aprendizagem, cabe a ele que revertesse o quadro em que tem-se apresentado como uma peça meramente ilustrativa e decorativa. É importante que haja um compromisso de todos os envolvidos com as questões que envolvem o livro didático.

Nesse sentido, ele precisa ser um recurso valioso, pois pode oferecer ao professor orientações e sugestões diversas para um trabalho mais qualificado e eficaz. É só nessa condição que o livro didático, de fato, realiza-se como tal, ou seja, como um recurso promotor de aprendizagem.

Ele pode ser tomado como definidor único dos conteúdos, das estratégias e dos objetivos de determinadas disciplinas ou, ao contrário, pode ser visto como um parceiro e num processo de ensino muito especial, cujo beneficiário final é o aluno. (LAJOLO,1996)

Considerando tais pressupostos, pode-se afirmar que se faz necessária uma aproximação de onde está livro didático, se ele se relaciona com os acontecimentos atuais, com a realidade vivida, com o que é significativo. Essa perspectiva implica a presença do livro didático e constitui elemento basilar de um sistema educativo apoiado em pressupostos. De acordo com Paiva, Morais e Fonseca, 2014:

Os livros didáticos podem desempenhar diferentes papéis. Independentemente da concepção, estrutura, organização e seleção de conteúdos e do tipo de abordagem propostos por uma obra, o que determina o encaminhamento, cumprimento dos objetivos e os resultados do processo.

Essa perspectiva implica que o professor deverá de alguma maneira decidir de forma efetiva sobre quais processos que orientarão sua prática docente e as práticas que desenvolverá a partir do livro didático.

Estrutura significa trazer o planejamento e a explicitação da aula para um momento bem anterior a sua véspera. A primeira e a maior ferramenta nessa direção foi o livro, permitindo pela invenção de Gutenberg. Em seguida,

vem o livro didático, em que os mesmos materiais recebem uma organização já visando ao seu uso em sala de aula. (CASTRO,2006)

CAPÍTULO 4: O LIVRO DIDÁTICO E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Nesta reflexão, questiona-se a relação entre o livro didático e a aprendizagem significativa. A contribuição da teoria de David Ausubel como teoria da aprendizagem significativa poderá vir a ser aprendida no trabalho do professor com livro didático.

A aprendizagem significativa tem um papel importante em relação ao livro didático no que diz respeito à formação dos alunos. Dessa forma, é interessante refletirmos num primeiro momento sobre a importância de o professor conhecer essa teoria e, conseqüentemente, reconhecê-la enquanto teoria da psicologia cognitiva, aliada ao uso do livro didático no sentido de organizar e desenvolver o seu trabalho pedagógico em sala de aula.

Compreendermos por aprendizagem significativa o processo pelo qual o aluno é competente o suficiente para modificar sua compreensão e a partir daí transformá-la. Tal constatação nos leva à razão pela qual apontamos que o livro didático pode ser um aliado interessante no processo de aprendizagem.

Nesse contexto, as experiências aprendidas pelos alunos a partir do livro didático, mediadas pelo professor, poderão oferecer conhecimentos, vindo dos postulados dos livros didáticos, que aliados às novas situações de construção de conhecimento irão auxiliar no desenvolvimento de habilidades cognitivas.

A nossa conjectura é de que a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel pode auxiliar o aluno com o aporte do livro didático. Do mesmo modo, a nossa reflexão acerca da teoria de Ausubel objetiva-se na seguinte linha de pensamento, de que maneira a teoria de aprendizagem significativa poderá vir a avaliar o trabalho do professor atrelado ao papel do livro didático, orientando-se por pesquisas bibliográficas, baseado em estudos de autores que conversam entre si sobre a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (1973).

Nesse sentido, é importante que o professor tenha o conhecimento das teorias pedagógicas atuais para que embase os processos de ensino e aprendizagem. Ressalta-se que o livro didático é um objeto importante para o fazer pedagógico. No entanto, o seu uso deverá de alguma forma propiciar ao aluno novas aprendizagens. Com isso, a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel pode muito contribuir com esse processo. Explica Ausubel (1973) que:

A aprendizagem significativa é o processo pelo qual um novo conhecimento e relaciona de maneira não arbitrária e não literal à estrutura cognitiva do estudante, de modo que o conhecimento prévio do educando interage, de forma significativa, com o novo conhecimento que lhe é apresentado, provocando mudanças em sua estrutura cognitiva.

A esse respeito, a aprendizagem significativa, em relação ao livro didático, se aproxima na medida em que o livro didático é utilizado, pode-se perceber, segundo a teoria de Ausubel, a organização cognitiva do aluno no momento em que o professor se utiliza do livro didático em sua aula e ele é apresentado, esse conteúdo novo correlaciona-se à sua estrutura cognitiva, que é algo importante para sua aprendizagem – os conceitos que são apresentados a partir do livro didático.

Para tentarmos expor neste texto acerca do livro didático uma reflexão sobre a sua relação como processo educativo, em especial buscamos entender como a teoria de Ausubel tem relevância no processo de ensino aprendizagem aliado ao livro didático. Ausubel, Novak e Hanesian (1980, p. 34) salientam que “aprendizagem significativa envolve a aquisição de novos significados e estes, por sua vez, são produtos da aprendizagem significativa.”

Dessa forma, a resposta que os alunos deram a partir das experiências de aprendizagem que passam igualmente pelo contato com o livro didático está se organizando em seus respectivos blocos hierarquizados de conhecimento, conforme nos falam os autores.

Ao fazer tais apontamentos acerca do livro didático e como ele pode se relacionar com aprendizagem significativa, quando se fala do livro didático os conhecimentos prévios, que são elencados na teoria de Ausubel (1973), estão de certa forma direcionados aos saberes do aluno. Nesse contexto, segundo o entendimento de Ausubel (1973) aparece a seguinte compreensão, em que ele salienta que “Aprendizagem é uma organização e uma integração do material na estrutura cognitiva por meio de uma estrutura hierárquica de conceitos e dividida em três fases”.

Assim, para entender como se relaciona o livro, pode-se compreender que o livro é como uma ponte para o conhecimento, que se justifica também por ser um adicional importante no âmbito escolar. Dessa forma, o livro didático oferece aos alunos uma recepção fundamental, criando condições necessárias e materiais para a aprendizagem significativa.

Se relacionar estresse ao trabalho do professor com o livro didático, é importante que no processo de utilização do livro didático é necessário apresentar ou fornecer junto com o mesmos elementos que possam ser instrumentais e não direcionais, implicando em uma metodologia que seja contextualizadora apontada pelos mapas conceituais. (MOREIRA; MASINI, 2006)

Moreira (2005) relata que:

Aprendizagem significativa é aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe. Substantiva quer dizer não-literal, não ao pé-da-letra, e não-arbitrária significa que a interação não é com qualquer idéia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende.

Dito isso, Bittencourt (2002, p. 73) nos afirma que:

O livro didático é um sistematizador de determinadas propostas, diz não apenas o que fazer, mas como fazer, realizando a transposição didática do saber acadêmico para o saber escolar,

selecionando textos, ilustrações e conceitos; torna-se, portanto, um instrumento pedagógico.

Nesse sentido, as questões de maior grau de complexidade terão como objetivo maior fazer com que o livro didático, a partir do seu texto, provoque reflexões a partir de suas ideias, linguagens, fazendo assim o uso das atribuições dos subsunçores que irão ancorar tais conteúdo. Ausubel (1973) destaca que, para que a aprendizagem significativa ocorra:

Ele, educando, deve estar em grau de abstração ou de generalidade capaz de facilitar a integração da nova ideia, atuando como elo entre a estrutura hierárquica de conhecimento que já existe.

Considerando, pode-se entender que não se esgota a discussão e a reflexão acerca do livro didático, a estreita relação entre aprendizagem significativa e ele.

Moreira (2006) destaca que “É importante reiterar que a aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é não literal e não arbitrária.”

Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva, por meio de novas aprendizagens significativas, que são resultantes de novas interações entre novos conhecimentos e o subsunçor. Nessa direção, pode-se afirmar, segundo Mendonça, que:

O livro didático deve afirmar-se nos propósitos de dialogar como o nível cognitivo do aluno, o que implica trabalhar de forma a amarrar as teorias e os conceitos apresentados, buscar a compreensão dos processos que permeiam as transformações. Portanto, o livro didático, mais uma vez, reafirmando, oferece bases para que o seu leitor identifique os fenômenos. (MEDONÇA,2011)

Medonça (2011) questiona que “haja um diálogo na estrutura cognitiva do

aluno, e reafirmando aquilo que já elencamos é importante que o professor, ao trabalhar com o livro didático, ofereça conceitos para o aluno.”

Essencialmente são duas as condições para a aprendizagem significativa ocorram: 1) o material de aprendizagem deve ser potencialmente significativo 2) o aprendiz deve apresentar uma predisposição para aprender. A primeira condição implica 1) que o material de aprendizagem (livros, vídeos, aplicativos...) tenha significado lógico (isto é, relacionável de maneira não arbitrária e não literal a uma estrutura cognitiva apropriada e relevante) e 2) que o aprendiz tenha em sua estrutura cognitiva ideias-âncora relevantes com quais esse material possa ser relacionado. (MOREIRA)

Nessa perspectiva vale destacar que o livro didático, no processo de ensino, constitui um elemento basilar, de acordo com Paiva, Morais e Fonseca, (2014):

Os livros didáticos podem desempenhar diferentes papéis; independentemente da concepção, estrutura, organização e seleção de conteúdos e do tipo de abordagem propostos por uma obra, o que determina o encaminhamento, cumprimento dos objetivos e os resultados do processo.

Portanto, de acordo com Moreira:

A teoria de aprendizagem significativa nos sugere que o material seja potencialmente significativo para o aluno e que este manifeste uma disposição de se relacionar ao novo material, de maneira substantiva então arbitrária à sua estrutura cognitiva; considerando tais pressupostos, pode-se afirmar que é importante uma aproximação de onde está o livro didático e se o mesmo tem capacidade de dialogar com seus interlocutores. (MOREIRA, 2006)

Contudo, Moreira afirma que:

Por outro lado, o aluno pode querer dar significado aos novos conhecimentos e não ter conhecimentos prévios adequados, ou o material didático não ter significado lógico e aí voltamos à primeira condição: o material deve ser potencialmente significativo. (MOREIRA, 2006)

Dessa forma, quando o aluno recebe o novo conteúdo a partir do livro didático, ele recebe essa nova informação que está implícita no livro e, nessa nova

tentativa, precisa relacioná-lo com as informações já existentes que estão na sua estrutura cognitiva. A esse respeito, concorda-se com Stefanello:

O livro didático é sem dúvidas instrumento indispensável para o ensino, não com o mero objetivo de levar informação ao aluno, mas por ser uma ferramenta no processo de construção de conhecimento. (STEFANELLO, 2008)

A teoria de Ausubel destaca que a aprendizagem significativa passa também por esses eixos, não arbitrariedade e substantividade, que são características básicas da aprendizagem significativa, então, de certo modo, fica claro que o livro didático, para ser factível no processo de aprendizagem, precisa oferecer esse novo saber não arbitrário. Assim, o livro didático tem uma proposta de ser pensado e elaborado, tendo em vista a sua importância no contexto escolar.

De acordo com Abud:

O livro didático é um dos responsáveis pelo conhecimento histórico que constitui o que poderia ser chamado de conhecimento do homem comum. É ele o construtor do conhecimento histórico daqueles cujo saber não vai além do que lhes foi transmitido pela escola de primeiro e segundo graus (ABUD, 1984).

Moreira (2006) afirma que “não arbitrariedade quer dizer que o material significativo se relaciona de maneira não arbitrária com o conhecimento já existente na estrutura cognitiva do aprendiz”, ou seja, o relacionamento não é com qualquer aspecto da estrutura cognitiva, mas sim com conhecimentos esporadicamente relevantes (subsunçores) preexistentes na estrutura cognitiva.

“A aprendizagem significativa não deve ser interpretada simplesmente pela qualidade e uso de determinado material, pois, se o material utilizado for significativo e já satisfeitas as duas primeiras condições para a ocorrência da aprendizagem significativa, o objetivo em aprender já se completa antes mesmo de qualquer tentativa de ensinar de terminado conteúdo.” (AUSUBEL, 1980, p.42)

O livro didático como material potencializador pode oferecer um conteúdo

interessante aportando em sua estrutura cognitiva, com novas ideias e proposições que possam ser aprendidas de maneira significativa. Entende-se que é importante considerar o fato de que o livro didático é de fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem.

Junto com isso, os eventos relacionados ao livro didático submetem-nos a uma reflexão e demonstram que se pode considerar o livro didático como um coadjuvante na teoria da aprendizagem significativa. Observa-se que a prática docente, juntamente com o livro didático, exige do professor uma prática que irá orientar seu fazer pedagógico. Ao analisar a teoria de Ausubel (1973), uma análise tanto mais apurada nos coloca à vista os conhecimentos socialmente construídos. Moreira (1999, p. 22) ressalta que:

Mediante a relação entre conhecimentos novos e os subsunções existentes na estrutura cognitiva do educando os saberes serão remodelados ou ressignificados e tornar-se-ão mais importantes, atuando como subsunções ou conhecimentos prévios, dando significado ao estudo de novos conceitos.

Em síntese, o conhecido ofertado pelo livro didático precisa ser aprendido, tem que haver correlação, ter ou dar sentido lógico para o aluno. Portanto, a aprendizagem significativa ocorrerá de acordo com o conteúdo abordado pelo livro didático, que irá depender das experiências vivenciadas pelo aluno. Conforme Ausubel:

A essência do processo de aprendizagem significativa é que ideias simbolicamente expressas sejam relacionadas de maneira substancial e não arbitrária ao que o aprendiz já sabe, ou seja, a algum aspecto de sua estrutura cognitiva especialmente relevante para a aprendizagem. (MOREIRA,1983,p. 65)

CAPÍTULO 5: O LIVRO DIDÁTICO E O CURRÍCULO

A forma de compreendermos o que define o termo currículo ganha diversas formas com outro viés, entretanto, tudo isto nos mostra que a questão importante referente o que é o currículo tem suas definições iguais ou idênticas.

Visto isso, Lopes (2013 p. 01) afirma que “a ideia de organização prévia ou não, de experiências / situações de aprendizagem realizadas por docentes / redes de ensino de forma a levar a caso o processo educativo.”

O livro didático é um recorte de uma estrutura maior que é o currículo. Quando se abre um livro didático, os conteúdos que lá estão não são neutros, mas pelo contrário o que está no livro didático, que é algo elaborado e representado, o que lá existe é uma ideia e um porquê, por consequência uma intenção.

Apple nos fala, de maneira bem clara, sobre as dimensões que comportam toda a complexidade do livro didático:

Eles são ao mesmo tempo, resultado de atividades políticas, econômicas e culturais de lutas e concessões. Eles são concebidos projetados e escritos por pessoas reais, com interesses reais. Eles são publicados dentro dos limites políticos e econômicos e mercados, recursos e poder. E o que significam o livro e seu uso envolve disputas em comunidades com compromisso evidentemente diferentes e também entre professores/as e alunos/as. (APPLE, 1997, p. 74)

Alguns autores têm uma definição interessante acerca do currículo, entre os quais destacamos Goodson (1995, p. 31), para quem “as implicações etimológicas são que, com isso, o currículo é definido como um curso a ser

seguido ou mais especificamente, apresentado. ” Nesta perspectiva, o autor nos chama atenção para a ideia de que a questão do currículo está associada ao currículo de conteúdo prescrito, cujo fio condutor é o livro didático.

Na verdade, não se pode aqui, neste momento, estabelecer uma certa confusão entre currículo e livro didático, porque, em alguns momentos, tenta-se reduzir os programas de ensino, das disciplinas propostas curriculares ou até guias didáticos e pensar que isto é o currículo.

Atualmente, tem-se a ideia que o currículo é algo que pode ser identificado no livro didático. Vale destacar que os colaboradores do currículo, ao elaborarem este documento se perguntam o que é importante para os jovens aprenderem.

Com isto, o livro didático consegue os documentos prescritos pelo ministério da educação a partir de suas políticas públicas, no caso o currículo prescrito, que ganham visibilidade no cenário educacional. Vale lembrar ou destacar que há vários currículos com os quais a escola trabalha ou elege a partir do professor para serem utilizados do mesmo em sua prática.

De acordo com Alves (2002, p. ??) “existem muitos currículos em ação em nossas escolas, apesar dos diferentes mecanismos homogeneizador” Queremos com isto ratificar as falas dos autores, para os quais da mesma maneira que não existe um currículo único na escola, o livro didático por si só não carrega consigo o único currículo, mas inúmeros currículos que compreendem deste ano ou série e disciplina.

Portanto, assim como o currículo que está posto pelos elaboradores a partir das políticas públicas, um currículo que segundo os autores citados perpassa as estâncias escolares que engessam a possibilidade de um trabalho e as redes dos saberes.

Uma análise refinada da realidade escolar e das práticas cotidianas torna claro que aquilo que os alunos aprendem no contexto escolar e aquilo que deixem de aprender – é mais amplo que aceção de

currículo como especificação de temas e conteúdo de todo tipo. (SACRISTÁN, 1995, p. 86)

O autor defende a ideia de um currículo que contraponha aquilo que o currículo prescrito estabelece, ou seja, precisa ser um currículo vivo e o livro didático precisa adequar-se às necessidades reais.

O currículo não é, portanto, declaração de áreas, conteúdos e metodológicas, portanto o que se propõem segundo o autor e outro tipo de currículo que sobreponha o currículo prescrito e ofereça uma nova perspectiva a partir de um novo currículo. (SACRISTÁN, 1995, p. 86)

Assim, o livro didático não poderá ser um livro que reflita somente documento oficial, mas que o seu conteúdo sobreponha a prescrição e a intencionalidade dos seus prescritores, constituindo-se, portanto a ideia de vários autores que fora construída por várias mãos.

Conforme Sacristán (1995, p. 27), “uma coisa é o currículo considerado como intenção um plano ou uma prescrição que explica o que desejaríamos que ocorra na escola e outra é o que existe nelas, o que ocorre em seu interior.”

Portanto, ao analisarmos o currículo prescrito, temos que verificar o que fato está apresentado a nós, professores, e isto diz respeito aos nossos objetivos educacionais. Desta forma, vale dizer que o livro didático quando chega até nós, reflete as ideias de um grupo.

Segundo Linhares e Garcia (2001):

É preciso nos desvencilhar de crenças que nos faziam ver, por tanto tempo, apenas a figura, a incompetência e a falta de sentido da escola. Quando vamos a campo investigar as escolas e nos pomos a observar a complexidade que se revela no cotidiano escolar, começamos a ver a riqueza do processo ensino-aprendizagem, a teoria em permanente movimento de atualização, a respeito que se mostra recriação a reinvenção a cada dia da escola.

A partir destes pressupostos, temos diante de nós, a ideia de se pensar o currículo nos diferentes contextos. Com isso, não podemos ficar somente no

currículo prescritivo, existem outros que podem fazer parte do cotidiano escolar. Assim, na elaboração do currículo, não podemos esquecer que os agentes que ali estão envolvidos poderiam vir deixar de fora temas, conteúdos necessários para se formar futuras gerações que viriam a constituir cidadãos atuantes em uma sociedade democrática.

Portanto, todas às vezes que ele seleciona determinado conteúdo, alguns temas, automaticamente se exclui outros temas, mais relevantes para que os meus alunos saibam, e isso se faz necessário para o currículo.

De modo geral, as discussões instituídas pelos sistemas de ensino sobre o currículo atestam um desconhecimento das escolas e de seus sujeitos, pois na maior parte dos casos essas discussões não consideram a diversidade de saberes e práticas cotidianas existentes, e não pressupõem tais práticas e saberes como tecidos em meio aos movimentos da complexidade do campo educacional e por efeito das escolas. (FERRAÇO, 1999)

A ideia aqui apresentada é de que se tenha um currículo proativo, conforme Ferrazzo no qual a escola dentro deste currículo é pensada como um organismo atuante e o seu cotidiano é incluso. Por tantas vezes, o livro didático e os demais materiais didáticos de algum modo tendem a reproduzir os discursos institucionalizados pelo currículo prescrito, isto nos mostra que de alguma forma, está legitimado no âmbito escolar.

Conforme Silva (2004, p. 147), “o currículo é uma invenção social como qualquer outra coisa. Estado, a nação, a religião, o futebol, este é o resultado de um processo histórico.” O professor tem que fazer de alguma forma, que estes conteúdos toquem em sua criticidade e possam provocar seus alunos, para que transcendam e desnaturalizem o currículo prescrito, sobre a urgência de pensar em um currículo que contemple o fazer.

Destaca Silva (2004, p. 150), “o currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é o lugar, espaço, território, o currículo é o documento de identidade.

Com isso, aplica-se também ao livro didático, pois ele precisa ter propostas que se alinhe com a realidade, e não fique preso aos documentos

prescritos e ideológicos. A perspectiva de currículo nos coloca aqui algumas indicações sobre as possíveis mudanças, que propõe no caso aquilo que os autores estão apontando como relevante, para que este currículo proposto pelos documentos oficiais prescrito esteja focado em uma relação estática.

Assim, como se busca ou se quer um currículo que se alinhe às práticas pedagógicas, que precisa ou que tem a necessidade, a partir destas práticas, colocar o aluno como sujeito do espaço escolar. Vale destacar que os elaboradores do currículo são protagonistas responsáveis pelo prescrito e esse vem inserido no livro didático em suas entrelinhas, e que não fazê-lo conversar com a realidade do aluno, não o contempla. Por isso é importante que se busque discutir um currículo escolar que faça a transposição de um currículo descritivo para um currículo que garanta a participação direta de todos os envolvidos.

Segundo Sacristán (1995) “o currículo tem que ser entendido como cultura real, que surge de uma série de processos, mais que como objeto delimitado e estático que se pode planejar e depois implantar”. O livro didático, que é também um recorte do currículo, como já mencionamos precisará se desvencilhar destas ideologias que vêm carregando do currículo prescrito, que é um documento macro e, por isso, em muitas das ocasiões suas propostas tanto do currículo como do livro didático não asseguram condições básicas para que os sujeitos do processo situem de forma direta.

Diante de tudo isso que temos elencado, esses mesmos questionamentos deveram estar relacionados ou sugeridos pelos elaboradores do currículo e uma pergunta não pode faltar: O que é relevante que se contenham conteúdos para que os alunos aprendam? É claro que nesta elaboração estão em jogo conflitos, tensões e com isso também se excluem outras temáticas.

Assumir os sujeitos a praticantes da escola como uma base para a ideia do currículo aqui proposta implica, ainda, defender uma visão otimista em relação às pessoas comuns, cotidianas, investindo-as de força, potencializando-as diante de fatos da vida cotidiana. (CERTEAU, 1996)

A nossa discussão sobre a teoria dos currículos existentes no livro didático, basta voltarmos nossos olhares para o currículo escolar, vamos nos deparar com várias influências de teóricos e também porque não afirmarmos a real influência do Estado, da economia.

Assim, por este viés, tais conteúdos estão impregnados no livro didático. Como já temos observado ou ressaltado, independentemente do que o currículo se propõe a discutir, seja ele liberal, ou não crítico, a questão central é como isso é tratado nos livros, ou como nós, professores, faremos o tratamento destas informações que lá estão contidas.

Se trabalharmos por esse viés de desconstruir tudo que está posto no livro didático, então teremos que trabalhar com a verdade e a mentira, mas por outra perspectiva, podemos acerca de tudo isso, a partir de uma visão crítica em que os alunos enxerguem o que está no livro a partir de um outro olhar. A ideia é que o aluno questione o verdadeiro papel da escola para a sociedade e compreenda como esse movimento se dá a partir do livro didático.

Pensar em currículo a partir da perspectiva com qual temos mencionado, nos remete a refletir com que currículo nós, professores estamos trabalhando a partir do livro didático. Já que não há um certo consenso sobre o que o currículo deve privilegiar em sala de aula, o que se sabe até o qual estamos discutindo, que nos chama a pensar, qual o currículo a ser seguido.

Lembrando mais uma vez que o livro didático é o recorte do currículo e, portanto, está nas mãos do professor, ao se utilizar o livro didático, fazer com que o currículo passe a ser um currículo vivo no contexto escolar.

Segundo Silva (2002):

Toda discussão em torno dos estudos curriculares contribui para elaboração de concepções e não de teorias do currículo, pois cada definição que tentarmos fazer do currículo não é neutra, não está isenta de intenções.

É preciso ainda levantar esta questão, é preciso que se pense e reflita: o currículo que está posto no livro didático, está a serviço de quem? Essas indagações precisam constatar em minhas arguições, para que no momento

em que eu for fazer ou realizar minhas aulas, isso esteja bem claro para mim e para meus alunos.

É primordial “moldar o currículo em função das necessidades de determinados alunos, ressalta nos seus significados, de acordo com suas necessidades pessoais e sociais dentro de um contexto cultural.” (SACRISTÁN, 2000, p. 168)

Destacamos ainda que é por meio do currículo que se entende as questões envolvidas no processo de ensino-aprendizagem. Assim o que se ensina e aprende os conteúdos que são ofertados aos alunos, via de regra, vêm por intermédio do currículo e assim toda a construção do conhecimento com suas aplicabilidades e seleção, tudo isto deve estar articulado ao currículo.

Vale lembrar que é por meio do livro didático, que é um dos materiais didáticos pedagógicos, que os documentos oficiais buscam trazer o currículo para o chão da escola. A aplicação do livro didático tem uma estreita aproximação com o currículo escolar.

Queremos com isso destacar que as políticas públicas criadas pelo governo em especial o PNLD, “ reconhece o livro didático como um suporte de conhecimento [...] é considerado também um instrumento de transmissão de valores ideológicos e culturais. ” (BRASIL, 2006, p. 13)

Portanto, como temos comentando a respeito do livro didático e a sua relação bem próxima ao currículo escolar neste contexto nos afirma Soares (2002, p. 2), “há o papel ideal e o papel real. [...] Idealmente, suporte, um apoio, mas na verdade ele realmente acaba sendo a diretriz básica do professor no seu ensino.”